

A adoração

Vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. João 4.23-24

O BANQUETE DO PRAZER CRISTÃO

O caçador de almas

Às vezes as pessoas que estão dormindo espiritualmente precisam receber um choque.

Se você quer que elas ouçam o que você tem para dizer, talvez até tenha de scandalizá-las.

Jesus é especialista nisso. Para nos ensinar algo sobre adoração, ele usa uma prostituta!

—Vá chamar seu marido— ele diz à mulher samaritana.

—Não tenho marido— responde ela.

—Você está certa— replica-lhe Jesus.

—Mas já teve cinco, e o homem com quem anda dormindo não é seu marido.

Ela ficou chocada. Nós ficamos chocados!

Mas Jesus está simplesmente sentado ali à beira do poço, com as mãos apoiadas no colo, olhando para a mulher com seu olhar cortante, pronto para nos ensinar sobre adoração.

A primeira coisa que aprendemos é que adoração tem que ver com a vida real.

Não é um momento do domingo em uma semana de realidade.

Adoração tem que ver com adultério, fome e conflito racial.

Jesus está extremamente cansado da viagem. Está com calor e com sede. Então decide: "Sim, agora mesmo, exatamente agora, procurarei alguém para adorar o Pai — uma adúltera samaritana. Mostrarei aos meus discípulos como meu Pai procura adoração no meio da vida real, da pessoa mais improvável. Ela é samaritana. É mulher. É meretriz.

Sim, e vou aproveitar para lhes mostrar uma ou duas coisas sobre como colher verdadeiros adoradores da seara madura das prostitutas de Samaria".

Elevando o nível de perplexidade

Voltemos para o começo da história. (Jo 4.4-6).

Os samaritanos eram... Chegaram a construir um lugar de culto próprio no seu monte Gerizim. Rejeitavam o Antigo Testamento, com exceção da sua própria versão dos primeiros cinco livros de Moisés. Sua animosidade em relação aos judeus (como Jesus) existia havia séculos.

Jesus caminha diretamente em direção a essa hostilidade, senta-se e pede um copo de água. A mulher fica perplexa pelo próprio fato de Jesus lhe dirigir a palavra: Como, sendo o senhor judeu, pede de beber a mim, que sou mulher samaritana?

Em vez de responder-lhe diretamente, Jesus eleva um pouco mais o nível de perplexidade dela, dizendo: Se você conhecesse o dom de Deus e quem é o que lhe pede: dê-me de beber, você lhe pediria, e ele lhe daria água viva. O que foi realmente surpreendente não é que ele lhe pedira água, mas que ela não pediu a ele! Ele tem "água viva" e a chama "o dom de Deus".

A mulher, porém, não consegue atingir essa altura. Ela diz simplesmente: Como é que o senhor pode dar-me água, se nem mesmo tem um balde? Ela ainda não sintonizou a frequência de Jesus.

Assim, Jesus eleva ainda mais o nível de perplexidade: Quem beber dessa água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

O que surpreende não é que ele pode dar-lhe água sem ter um balde, mas que sua água satisfaz para sempre. Mais ainda: depois que você a bebe, sua alma torna-se uma fonte. É água milagrosa: ela penetra em solo arenoso e dali jorra como fonte de vida. O que significa isso?

A água que se torna uma fonte

"O ensino do sábio é fonte de vida", diz Provérbios 13.14. Talvez, então, Jesus esteja querendo dizer que seu ensino é uma fonte de vida.

Quando alguém que está sedento bebe dela, reanima-se e depois passa-a aos outros.

Não dissera ele: "As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida" (Jo 6.63)?

O paralelo mais próximo da figura da alma que se torna uma fonte, porém, está em João 7.37-39. Portanto, a água que Jesus dá é o Espírito Santo.

A presença do Espírito de Deus em sua vida elimina a frustrante sede da alma e transforma você em uma fonte em que outros podem encontrar vida.

É provável, contudo, que os dois sentidos estejam corretos. Tanto o ensino de Jesus como o Espírito Santo satisfazem o anseio da nossa alma e nos tornam fonte para outros.

Jesus conservou juntos a Palavra e o Espírito.

Por exemplo, em João 14.26 ele disse: "O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito". O trabalho do Espírito de Cristo é fazer com que a palavra de Cristo seja clara e satisfaça a alma.

A água oferecida à samaritana adúltera foi a palavra da verdade e o poder do Espírito. Quando vamos a Cristo para beber, o que bebemos é a verdade — não uma verdade seca, sem vida e sem poder, mas verdade encharcada do Espírito vivificador de Deus! A palavra da promessa e o poder do Espírito são a água viva oferecida à meretriz de Samaria.

Atingindo o coração por meio de uma ferida

Mais uma vez a mulher não entende. Ela não consegue elevar-se acima dos seus cinco sentidos: Senhor, dê-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.

Tome cuidado para não desistir muito rapidamente de alguém.

Jesus pusera seus olhos salvadores sobre essa mulher. Ele tinha por objetivo criar uma adoradora de Deus "em espírito e em verdade".

Por isso, agora toca o ponto mais sensível e vulnerável da sua vida: Vá e chame seu marido. O caminho mais rápido para o coração é através de uma ferida.

Por que Jesus desnuda a vida interior da mulher desse jeito? Porque ele dissera em João 3.20: "Todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras". O pecado escondido nos impede de ver a luz de Cristo.

O pecado é como lepra espiritual. Ele mata nossos sentidos espirituais de tal modo que você pode rasgar sua alma e não sente nada. Jesus, porém, expõe a lepra espiritual da mulher:

Você já teve cinco maridos, e o homem com quem você anda dormindo não é seu marido.

Um animal preso na armadilha arranca a própria perna

Veja agora o reflexo universal de alguém que tenta escapar da condenação.

A mulher tem de admitir que Jesus tem uma percepção extraordinária: Vejo que o senhor é um profeta. Todavia, em vez de andar na direção que ele indicou, ela tenta desviar-se para uma controvérsia acadêmica: Nossos pais adoravam neste monte; vocês, entretanto, dizem que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. O que o senhor me diz disso?

Um animal preso na armadilha arranca a própria perna para escapar. Um pecador apanhado mutila a própria mente e rasga as regras da lógica: Sim, é claro, falando do meu adultério, mas qual é sua opinião sobre o lugar onde as pessoas devem adorar? Isso é conversa evasiva dupla, próprio de pecadores apanhados. Só que do grande Caçador de Almas não é fácil se livrar. Ele não insiste em ficar na trilha; não hesita em seguir a caça para o mato. Ou será que ele dera a volta e estava à espera dela quando ela levanta a questão da adoração? Ele não voltou mais ao tema do adultério. Este servira para fazer pressão contra a porta trancada do coração dela. Agora, no entanto, o seu pé está na porta, e ele se dispõe a tratar da questão da adoração.

Como e a quem adorar

Ela levantara a questão de onde as pessoas deviam adorar. Jesus responde, dizendo: Essa controvérsia não se compara em importância com a questão de como e a quem adorar.

Primeiro ele chama a atenção dela para o como: Mulher, você pode acreditar que vem a honra em que nem neste monte nem em Jerusalém vocês adorarão o Pai. Em outras palavras, não se deixe levar por controvérsias sem importância. Pode-se adorar a Deus em vão tanto no seu lugar como no nosso! Deus não dissera: "Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29.13)? A questão não é onde, mas como.

Em seguida, Jesus volta a atenção dela para quem: Vocês adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. São palavras ríspidas. Mas quando vida e morte estão em jogo, você chega a um ponto em que diz as coisas com franqueza como dizer a alguém que está com os pulmões doentes que deixe de fumar.

Os samaritanos rejeitavam todo o Antigo Testamento, com exceção da sua própria versão dos primeiros cinco livros. Seu conhecimento de Deus era deficiente. Por isso, Jesus diz à mulher que a adoração dos samaritanos é deficiente. Importa conhecer aquele que você adora!

Como e a quem é crucial, não onde. A adoração precisa ser vital e real no coração e tem de apoiar-se sobre uma percepção correta de Deus. É preciso espírito e é preciso verdade. Por isso Jesus diz: Vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. As palavras "espírito e verdade" correspondem ao como e a quem da adoração.

Adorar em espírito é o contrário de adorar de maneiras meramente externas. É o contrário do formalismo e do tradicionalismo vazios. Adorai em verdade é o contrário da adoração baseada em um entendimento inadequado de Deus. A adoração precisa ter coração e cabeça. Ela tem de envolver as emoções e o pensamento.

Verdade sem emoção produz ortodoxia morta e uma igreja cheia (ou pela metade) de admiradores artificiais (como pessoas que escrevem cartões de aniversário genéricos para vender). Por outro lado, emoção sem verdade produz agitação vazia e cultiva pessoas superficiais que rejeitam a disciplina do raciocínio exato. A adoração verdadeira, porém, vem de pessoas com emoções profundas, grande amor e doutrina sadia. Afeições fortes por Deus, arraigadas na verdade, são ossos e medula da adoração bíblica.

Combustível, fornalha e calor

Talvez possamos juntar todos esses elementos com esta figura: o combustível da adoração é a verdade de Deus, a fornalha da adoração é o espírito do ser humano, e o calor gerado é a afeição vital da reverência, contrição, confiança, gratidão e alegria.

Há, todavia, algo faltando nesta figura. Temos combustível, fornalha e calor, mas não temos fogo. O combustível da verdade na fornalha do nosso espírito não produz automaticamente o calor da adoração. Precisa haver ignição e fogo. Isso é o Espírito Santo.

Quando Jesus diz: "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade", alguns intérpretes acham que isso é uma referência ao Espírito Santo. Eu entendo que se trata do nosso espírito. Mas talvez as duas interpretações não estejam muito separadas na mente de Jesus. Em João 3.6, Jesus liga o Espírito de Deus e o nosso espírito de modo notável.

Diz ele: "O que é nascido do Espírito é espírito". Em outras palavras, enquanto o Espírito Santo não avivar nosso espírito com a chama da vida, nosso espírito está tão morto e sem reação que nem mesmo merece ser chamado espírito. Somente o que é nascido do Espírito é espírito.

Assim, quando Jesus diz que os verdadeiros adoradores adoram o Pai "em espírito", o sentido tem de ser que a verdadeira adoração vem apenas de espíritos vivificados e sensibilizados pelo Espírito de Deus.

Agora podemos completar nossa figura. O combustível da adoração é uma visão correta da grandeza de Deus; o fogo que faz o combustível queimar com calor extremo é o avivamento do Espírito Santo; a fornalha acesa e aquecida pela chama da verdade é nosso espírito renovado; e o conseqüente calor da nossa afeição é a adoração poderosa, que abre caminho por meio de confissões, anseios, aclamações, lágrimas, cânticos, exclamações, cabeças curvadas, mãos erguidas e vidas obedientes.

De questões de comida para questões de fé

Voltemos por um instante para Samaria. Os discípulos tinham ido à cidade buscar comida. Jesus estivera sozinho com a mulher no poço. Quando os discípulos voltaram, ofereceram o almoço a Jesus, mas ele fez com eles o mesmo que fizera com a mulher — pulou de questões de comida para questões de fé. "Tenho uma comida para comer que vocês não conhecem." Jesus estivera comendo todo o tempo que eles estiveram fora. Mas o quê? "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra." E qual é a obra do Pai? O Pai está à procura de pessoas que o adorem em espírito e em verdade.

Toda a conversa de Jesus com a samaritana adúltera é trabalho de Deus gerando uma adoradora genuína. Em seguida Jesus aplica o episódio aos discípulos — e a nós! "Vocês não dizem que ainda há quatro meses até à ceifa? Mas eu lhes digo: ergam os olhos e vejam os campos, pois já branquejam para a ceifa." Ele está dizendo: "Há uma colheita madura de prostitutas em Samaria. Acabei de transformar uma delas em adoradora de Deus.

Foi para isso que o Pai me enviou e eu envio vocês. Vão à procura de pessoas que o adorem em espírito e em verdade. Aí está a cidade de Sicar, pronta para ser colhida.

Se vocês amam a glória de Deus, preparem-se para colher". Cristo nos propôs um roteiro para o restante deste capítulo sobre adoração.

O que realmente significa adorar "em espírito e em verdade"?

Qual é a resposta do espírito humano avivado pelo Espírito?

Que relação a verdade tem com essa experiência?

Esse é o nosso plano: ponderar a natureza da adoração como uma questão do coração e depois como uma questão da mente. Então, no fim, veremos rapidamente a forma exterior da adoração.

Um assunto do coração

Praticamente todo mundo concorda que a adoração bíblica implica algum tipo de ação externa. A própria palavra, em hebraico, significa inclinar-se. Adorar é curvar-se, erguer as mãos, orar, cantar, recitar, pregar, seguir rituais na alimentação, purificação, ordenação, etc.

Surpreendente é que todas essas coisas podem ser feitas em vão. Podem ser sem sentido, inúteis e vazias. Essa é a advertência de Jesus em Mateus 15.8-9, em que ele arrasa os fariseus com a palavra de Deus de Isaías 29.13: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram.

Em primeiro lugar, observe que o paralelo entre "honra-me" e "me adoram" mostra que adoração é essencialmente uma maneira de honrar a Deus. É claro que isso não significa torná-lo honroso ou aumentar sua honra. Significa reconhecê-la, sentir seu valor e atribuí-la a ele de todas as maneiras condizentes com seu caráter.

Glória e majestade estão diante dele, força e formosura, no seu santuário. Tributai ao Senhor, ó famílias dos povos, tributai ao Senhor glória e força. Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome; trazei oferendas e entrai nos seus átrios (Sl 96.6-8).

Assim, a primeira coisa a observar nas palavras de Jesus é que adoração é uma maneira de refletir alegremente, de volta para Deus, o brilho do seu valor.

A razão de eu dizer "alegremente" é que até montanhas e árvores refletem de volta para Deus o brilho do seu valor: "Louvai ao Senhor da terra, [...] montes e todos os outeiros, árvores frutíferas e todos os cedros" (Sl 148.7, 9). Esse reflexo da glória de Deus pela natureza, todavia, não é consciente. As montanhas e outeiros não adoram com disposição própria. Em toda a terra, apenas os seres humanos têm essa capacidade singular.

Se não refletimos alegremente a glória de Deus na adoração, não deixaremos de refletir a glória da sua justiça em nossa condenação: "Até a ira humana há de louvar-te" (Sl 76.10). Só que esse reflexo involuntário do valor de Deus não é adoração. Por isso é necessário definir adoração não simplesmente como uma maneira de refletir de volta para Deus o brilho do seu valor mas, para ser mais exato, como uma maneira de fazer isso alegremente.

A palavra "alegremente" pode ser mal-entendida porque (como veremos logo abaixo) adoração às vezes inclui contrição e arrependimento, que não costumamos ligar a alegria. Contudo, eu mantenho a palavra porque, se dizemos apenas, por exemplo, que adoração é um reflexo "disposto" do valor de Deus de volta para ele, então estamos à beira de um mal-entendido pior, ou seja, que adoração pode ser voluntária quando o coração na verdade não tem vontade ou, como diz Jesus, quando o coração está "longe de Deus". Mais que isso, eu creio que veremos que, na contrição bíblica genuína, há pelo menos uma semente de alegria, que vem da esperança incipiente de que "Deus vivifica o coração dos contritos" (Is 57.15).

Como adorar a Deus em vão

Isso nos leva à segunda coisa em Mateus 15.8: podemos "adorar" a Deus em vão. "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim." Um ato de adoração é vão e fútil quando não vem do coração. Isso estava implícito nas palavras de Jesus à adúltera samaritana:

"[...] os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores" (Jo 4.23).

Mas o que é essa experiência do espírito?

O que acontece no coração quando a adoração não é em vão?

É mais do que um mero ato de força de vontade. Todos os atos exteriores de adoração são atos da vontade. Isso, porém, não os torna autênticos. A vontade pode estar presente (por todos os tipos de razão) sem que o coração esteja genuinamente envolvido (ou, como diz Jesus, "longe"). A atuação do coração na adoração é o despertar de sentimentos, emoções e afetos do coração. Lá onde os sentimentos por Deus estão mortos, a adoração está morta.

Os afetos que tornam autêntica a adoração

Agora sejamos específicos. Quais são esses sentimentos ou afetos que tornam autênticos os atos exteriores de adoração? Para chegar à resposta, recorreremos aos salmos e aos hinos inspirados do Antigo Testamento. Um conjunto de afetos diferentes entrelaçados pode tomar conta do coração a qualquer momento. Portanto, a extensão e sequência da lista abaixo não têm a intenção de limitar as possibilidades de prazer no coração de alguém.

Talvez a primeira resposta do coração ao ver a santidade majestosa de Deus seja o silêncio perplexo.

"Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus" (Sl 46.10).

"O Senhor está em seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra" (Hc 2.20).

Do silêncio brota um sentimento de temor, reverência e maravilha diante da imensa grandeza de Deus.

"Tema ao Senhor toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo" (Sl 33.8).

E por sermos todos pecadores, em nossa reverência há um medo santo do poder justo de Deus.

"Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto" (Is 8.13).

"Entrarei na tua casa e me prostrarei diante do teu santo templo, no teu temor" (Sl 5.7).

Esse temor, porém, não é um terror paralisante, cheio de ressentimento contra a autoridade absoluta de Deus. Ele encontra alívio na contrição, no arrependimento e na tristeza por nossa distância de Deus.

"Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17).

"Assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos" (Is 57.15).

Misturado ao sentimento genuíno de contrição e tristeza pelo pecado aparece um anseio por Deus.

"Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 42.1, 2).

"Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (Sl 73. 25,26).

"Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água" (Sl 63.1).

Deus não fica indiferente ao anseio contrito da alma. Ele vem, retira a carga do pecado e enche nosso coração de alegria e gratidão.

"Converteste-o meu pranto em folguedos; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria, para que o meu espírito te cante louvores e não se cale. Senhor, Deus meu, graças te darei para sempre" (Sl 30.11, 12).

Nossa alegria, porém, não é resultado apenas da gratidão gerada pelo olhar em retrospectiva. Ela também vem do olhar esperançoso prospectivo:

"Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu" (Sl 42.5).

"Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra" (Sl 130.5).

No fim das contas, o coração não anseia por qualquer das dádivas de Deus, mas pelo próprio Deus. Vê-lo, conhecê-lo e estar em sua presença e o maior banquete da alma. Depois disso ela não quer mais nada. As palavras passam a ser insuficientes. Nós falamos de prazer, alegria, delícia, mas esses são apenas frágeis indicadores da experiência indizível.

"Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo" (Sl 27.4).

"Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

"Agrada-te do Senhor" (Sl 37.4).

Esses são alguns dos afetos do coração que podem evitar que a adoração seja "em vão". Adorar é uma maneira alegre de refletir de volta para Deus o brilho do seu valor. Não é um mero ato de vontade, pelo qual executamos ações externas. Sem a participação do coração, não adoramos de verdade. O envolvimento do coração na adoração é o despertar de sentimentos, emoções e afetos do coração. Onde os sentimentos por Deus estão mortos, a adoração está morta.

A adoração genuína precisa incluir sentimentos interiores que refletem o valor da glória de Deus. Se não fosse assim, a palavra hipócrita não teria sentido. Mas a hipocrisia existe — ter emoções exteriores (como cantar, orar, dar, recitar) que significam afetos do coração que não existem. "Este povo me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim."

A adoração como um fim em Si mesmo

Ora, que implicação isso tem para o banquete da adoração? Surpreendentemente, implica que a adoração é um fim em Si mesmo. Nós não nos banqueteamos com a adoração como um meio para chegar a alguma outra coisa. Se o que transforma o ritual externo em adoração autêntica é o despertar dos afetos do coração, então a verdadeira adoração não pode ser apresentada como um meio para alguma outra experiência. Os sentimentos não funcionam assim. Autênticos sentimentos do coração não podem ser fabricados como degraus para alguma outra coisa.

Por exemplo: minha irmã fez-me um interurbano ano passado para dizer-me que meu pai acabara de morrer. Lembro de sua voz entrecortada: "Paulinho, papai morreu."

Uma coisa é certa: quando recebo uma notícia como essa, eu não sento e digo: "E agora, com que finalidade devo sentir tristeza?"

O sentimento de tristeza é um fim em si mesmo no que concerne à minha motivação consciente. Ele surge espontaneamente. Não foi feito para chegar a alguma outra coisa. Não é fruto da vontade consciente. Não segue a uma decisão. Ele vem lá do fundo, de um lugar sob a vontade consciente. Sem dúvida ele terá muitos subprodutos — bons, em sua maioria. Mas estes estão totalmente fora

de cogitação, quando eu me ajoelho ao lado da minha cama e choro. O sentimento está ali, jorrando do meu coração. E ele tem um fim em Si mesmo.

A tristeza não é o único exemplo. Se você está boiando em um bote inflável já há três dias, sem água para beber, depois de um naufrágio no mar, e aparece um ponto de terra no horizonte, você não diz: "Com que finalidade devo sentir desejo por essa terra? Que bom propósito deve levar-me a decidir sentir esperança?" Mesmo que o anseio em seu coração lhe dê força renovada para chegar à terra, você não realiza o ato de desejo, esperança e anseio para chegar lá.

O anseio jorra do fundo do seu coração por causa do tremendo valor da água (e da vida!) daquela terra. Não é planejado e realizado (como a compra de uma passagem aérea) como meio de obter o que desejamos. Ele brota espontaneamente no coração.

Não é uma decisão tomada a fim de nada!

Como sentimento genuíno do coração, ele é um fim em Si mesmo.

Ou pense no medo. Se você está acampando nas proximidades de um parque nacional, e acorda no meio da noite com um rosnar lá fora, e vê à luz do luar a silhueta de uma enorme onça vindo em direção à sua barraca, você não diz: "Com que propósito devo sentir medo?" Você não avalia os bons resultados que podem advir da adrenalina que o medo produz, e depois decide que o medo pode ser uma emoção apropriada e proveitosa. Ele surge e pronto!

Quando uma criança pequena, no dia de Natal, abre seu primeiro presente e encontra seus patins "favoritos" que queria há meses, ela não pensa: "Com que objetivo devo sentir-me feliz e agradecida?" Dizemos que alguém é ingrato quando palavras de gratidão são ditas por obrigação em vez de saírem espontaneamente do coração.

Uma criança de cinco anos que vai pela primeira vez ao jardim de infância e é cercada por alguns meninos do segundo ano, não "decide" sentir a confiança e o amor brotar em seu pequeno coração com a aproximação do seu irmão maior que está no quarto ano. Ela simplesmente sente.

Toda emoção genuína é um fim em Si mesma. Ela não é causada conscientemente como meio de chegar a outra coisa. Isso não quer dizer que não possamos nem devamos procurar ter certos sentimentos. Devemos e podemos. Podemos nos colocar em situações em que os sentimentos podem ser cultivados mais prontamente. Podemos até prezar alguns resultados desses sentimentos, assim como os próprios sentimentos.

Mas no momento da emoção autêntica, todo cálculo desaparece. Somos transportados (talvez apenas por alguns segundos) para acima do nível de raciocínio da mente, para experimentar o sentimento sem referência a implicações lógicas ou práticas.

Isso é o que impede a adoração de ser "em vão". A adoração é autêntica quando surgem afetos por Deus no coração como um fim em Si mesmos. Na adoração, Deus é a voz temida no telefone. Deus é a o ponto de terra no horizonte. Deus é a onça e o pôr-do-sol e os patins "favoritos" e a mãe que os deu e o irmão grande e forte do quarto ano.

Quando a realidade de Deus nos é apresentada em sua Palavra ou em seu mundo, e nós não sentimos em nosso coração nenhuma tristeza, anseio, esperança, medo, reverência, alegria, gratidão ou confiança, então podemos cantar, orar, recitar e gesticular conforme o figurino o quanto quisermos, mas isso não será adoração de verdade. Não podemos honrar a Deus se nosso coração "está longe dele". Adoração é uma maneira de refletir alegremente de volta para Deus o brilho do seu valor. Isso não pode ser feito por meros atos devidos.

Pode ser feito apenas quando afetos espontâneos brotam no coração.

Você tem de me beijar, mas não por obrigação

Pense na analogia do aniversário de casamento. O meu é no dia 18 de abril. Imagine que nesse dia eu traga para casa uma dúzia de rosas vermelhas de cabos longos para Rosângela. Quando ela abre a porta para mim, eu lhe estendo as rosas, e ela diz: "Oh, Paulo, são tão lindas. Obrigada!", e me dá um forte abraço. Imagine que eu levante minha mão e diga, como quem não quer nada: "Não foi nada. É minha obrigação".

Qual é o problema aqui? O exercício do dever não é algo nobre? Não honramos aqueles que são fiéis cumpridores do dever? Não muito. Não se não estiverem com o coração na coisa. Rosas por obrigação são uma contradição de termos. Se eu não for movido por um afeto espontâneo por ela como pessoa, as flores não a honram. Na verdade, a diminuem. São uma tentativa inútil de encobrir o fato de que ela não tem valor ou beleza aos meus olhos para despertar afeto. Tudo o que eu consigo produzir é uma expressão calculada de dever matrimonial.

Imagine um marido perguntando à sua esposa se tem de beijá-la antes de ir dormir. Ela responderá: "Você tem, mas não por obrigação". O que ela quer dizer é isto: "Se não for motivado por um afeto espontâneo por mim, suas propostas estarão despidas de qualquer valor moral".

O que acontece é que muitos de nós deixamos de ver que o dever em relação a Deus jamais pode ser restrito a ações externas. Sim, temos de adorá-lo. "Mas não por obrigação." Como, então? Da maneira como C. S. Lewis descreveu: "Como você sabe, todo cristão tem o dever de ser o mais feliz que puder".

O verdadeiro dever da adoração não é a obrigação externa de falar ou seguir a liturgia. É o dever interior, a ordem: "Agrada-te do Senhor" (Sl 37.4). "Alegrai-vos no Senhor e regozijai-vos" (Sl 32.11). A razão de esse ser o verdadeiro dever de adorar é que ele honra a Deus, o que não acontece com a realização vazia de um ritual. Se eu levo minha esposa para jantar fora no dia do nosso aniversário de casamento, e ela me pergunta: "Por que você está fazendo isso?" a resposta que mais a honra será esta: "Porque nada me deixaria mais feliz esta noite do que estar com você".

"É minha obrigação" é uma desonra para ela. "É meu prazer" é para ela uma honra.

É exatamente isso! O banquete do prazer cristão. Como devemos honrar a Deus na adoração? Dizendo: "É minha obrigação" ou "é meu prazer"?

Adoração é a maneira de refletir de volta para Deus o brilho do seu valor.

Agora vemos que o espelho que capta os raios do seu brilho e os reflete de volta em adoração é o coração feliz. Outro modo de dizer isso é:

O principal propósito do ser humano é glorificar a Deus ao alegrar-se nele para sempre.

Jamais dê algo a Deus

Agora está ficando claro por que é tão importante que a adoração seja um fim em Si mesmo. Porque este é o principal propósito com que fomos criados.

Também fica claro por que não é idolatria e egocentrismo dizer que nossas emoções são um fim em Si mesmo. Não é egocêntrico porque as emoções da nossa adoração são centradas em Deus! Deixamos de olhar para nós e olhamos para ele, e só depois as multiformes emoções do nosso coração irrompem em adoração.

Da mesma forma, não é idólatra dizer que nossas emoções na adoração são um fim em Si mesmo, porque nossas emoções por Deus glorificam a Deus, não a nós. Quem me acusaria de glorificar a mim mesmo e não a minha esposa quando lhe digo: "Tenho prazer em passar esta noite com você"? Quem acusaria uma pequena criança de ser egocêntrica no dia de Natal, se ela deixar seus

patins novos no chão e correr para abraçar sua mãe e lhe dizer obrigado, por estar transbordando de gratidão feliz? Alguém poderia dizer que, ao fazer da alegria na adoração um fim em Si mesmo, fazemos de Deus um meio para o nosso fim, e não nosso ser um meio para o seu fim. Assim parecemos elevar-nos acima de Deus. O prazer cristão não nos põe acima de Deus ao fazer da alegria da adoração seu alvo. É exatamente ao confessarmos nossa condição frustrada e desesperada sem ele que o honramos. Um paciente não é maior que seu médico por ansiar ser curado. Uma criança não é maior que seu pai ao desejar a satisfação de brincar com ele. Por outro lado, aquele que realmente se põe acima de Deus é o que imagina vir a Deus para dar e não para receber. Com pretensa auto-negação, ele se apresenta como benfeitor de Deus — como se o mundo e tudo o que ele contém já não fossem de Deus (Sl 50.12)

Aproximar-se de Deus buscando o prazer na adoração é a única coisa humilde a fazer, porque é a única em que nos apresentamos de mãos vazias. O prazer cristão dá honra a Deus ao reconhecer (e sentir de verdade!) que somente ele pode satisfazer o anseio do coração de ser feliz. Adoração é um fim em Si mesma porque glorificamos a Deus ao ter prazer nele para sempre.

Os três estágios da adoração

Há três estágios no movimento em direção à experiência ideal de adoração, se forem de fato estágios no caminho da alegria plena nele. Do fim para o começo:

1) Há o estágio final em que sentimos uma alegria totalmente descontraída nas multiformes perfeições de Deus — a alegria da gratidão, da maravilha, da esperança, da admiração. "Como de banha e de gordura farta-se a minha alma; e, com júbilo nos lábios a minha boca te louva" (Sl 63.5). Nesse estágio estamos satisfeitos com a excelência de Deus e transbordamos com a alegria da sua comunhão. É o banquete do prazer cristão.

2) Em um estágio anterior que desfrutamos com frequência, não sentimos plenitude, mas anseio e desejo. Já tendo degustado o banquete antes, lembramos da bondade do Senhor — mas ela parece distante. Pregamos à nossa alma que não fique abatida, porque temos certeza de novamente louvar o Senhor (Sl 42.5). Porém, no momento, nosso coração não está fervoroso. Mesmo que isso não atinja o ideal de adoração e esperança vigorosa e sentida, ainda é uma grande honra para Deus. Honramos a água de uma fonte da montanha não apenas com o "ah" satisfeito depois de bebermos, mas também pelo anseio sedento de ser satisfeitos, enquanto ainda estamos na escalada.

Na verdade, esses dois estágios não podem ser separados no verdadeiro crente, porque toda satisfação nessa vida ainda está permeada de anseio, e todo anseio genuíno já saboreou a água da vida que satisfaz. Ultimamente Deus tem se agradado em manter minha alma faminta quase constantemente, de modo que tenho estado cheio de um tipo de dor agradável.

Quando realmente desfruto Deus, sinto que meus desejos dele são mais insaciáveis, e minha sede de santidade, mais intensa.

3) O estágio inferior da adoração — onde toda adoração genuína começa e aonde com frequência retorna para um período escuro — é o deserto da alma que quase não sente nenhum desejo, mas mesmo assim recebe a graça do triste arrependimento por ter tão pouco amor. "Quando o coração se me amargou e as entranhas se me comoveram, eu estava embrutecido e ignorante; era como um irracional à tua presença" (Sl 75.21, 22). Sabemos que se chega a retidão por uma de duas maneiras: ou por uma expressão espontânea do bem, ou pela tristeza espontânea por ter falhado. A primeira é realização direta; a outra, indireta.

Adoração é uma maneira de refletir alegremente de volta para Deus o brilho do seu valor. Esse é o ideal. Deus com certeza é mais glorificado quando nos alegramos em sua magnificência do que quando somos tão pouco tocados por ela que quase não sentimos nada, e apenas desejamos fazê-lo. Mas ele também é glorificado pela faísca de alegria antecipada, que dá lugar à tristeza que sentimos quando nosso coração está morno. Mesmo em meio à culpa miserável que sentimos com nossa insensibilidade embrutecida, a glória de Deus brilha. Se Deus não fosse gloriosamente desejável, por que nos sentiríamos tristes por não nos banquetearmos plenamente em sua beleza? Contudo, mesmo essa tristeza, para dar honra a Deus, tem de ser, em certo sentido, um fim em Si mesmo — não que não deva levar a algo melhor, mas que deve ser real e espontânea. A glória que carecemos não pode ser refletida em uma tristeza calculada. A realização indireta está despida de virtude sempre que é transformada em alvo buscado conscientemente. Quem tenta lamentar-se deliberadamente jamais estará triste. A tristeza não pode ser induzida por esforço humano.

O inimigo moral da adoração

Concluo dessa meditação sobre a natureza da adoração que a revolta contra o prazer matou o espírito de adoração em muitas igrejas e corações. A noção difundida de que ações de elevada moral precisam estar isentas de interesse próprio é um grande inimigo da verdadeira adoração. Adoração é o ato moral mais elevado que um ser humano pode perpetrar; assim, a única base e motivação para ela que muitas pessoas podem conceber é a noção de moralidade como execução desinteressada do dever. Todavia, quando a adoração é reduzida a um dever desinteressado, deixa de ser adoração. Porque adoração é festa.

Nem Deus nem minha esposa são honrados quando celebramos os dias importantes do nosso relacionamento por senso de dever. Eles são honrados quando me delicio neles! Por isso, para honrar a Deus em adoração, não devemos buscá-lo desinteressadamente, por medo de vir a ter alguma alegria na adoração e assim arruinar o valor moral do ato.

Em vez disso, devemos buscá-lo objetivando o prazer, do mesmo modo que um cervo sedento busca o ribeirão, precisamente pela alegria de ver e conhecê-lo!

Adoração é nada menos que obediência ao mandamento de Deus: "Agrada-te do Senhor!"

Virtude mal dirigida diminui o espírito de adoração. A pessoa que tem a noção vaga de que é virtuoso reprimir o interesse próprio, e que é errado buscar o prazer, dificilmente será capaz de adorar, porque adoração é a atividade mais hedonista da vida, e não deve ser arruinada com o menor pensamento de desinteresse. O grande impedimento à adoração não é que sejamos pessoas que buscam o prazer, mas que estamos dispostos a nos satisfazer com prazeres tão miseráveis.

O profeta Jeremias o disse assim: Meu povo trocou a sua Glória por aquilo que é de nenhum proveito. Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai estupefatos, diz o Senhor. Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas (Jr 2.11-13).

Os céus ficam espantados e chocados quando pessoas abandonam rapidamente sua busca de prazer e se acomodam com cisternas rachadas.

Nos contentamos com muito pouco

A noção de que é errado desejar a nossa felicidade não veio da fé cristã. Na realidade, se considerarmos as promessas pouco modestas de galardão e a espantosa natureza das recompensas prometidas nos evangelhos, diríamos que nosso Senhor considera nossos desejos não demasiadamente grandes, mas demasiadamente pequenos. Somos criaturas divididas, correndo atrás de álcool, sexo e ambições, desprezando a alegria infinita que se nos oferece, como uma criança ignorante que prefere continuar fazendo bolinhos de areia numa favela, porque não consegue imaginar o que significa um convite para passar as férias na praia. Contentamo-nos com muito pouco. É isso! O inimigo da adoração não é que nosso desejo por prazer é muito forte, mas muito fraco! Nós nos acomodamos com um lar, uma família, alguns amigos, um emprego, televisão, forno de microondas, às vezes um jantar num restaurante, férias uma vez por ano e talvez um computador novo. Nós nos acostumamos a esses prazeres pobres e passageiros, de modo que nossa capacidade de nos alegrarmos se encolheu. E nossa adoração também encolheu. Muitos não conseguem imaginar nem o que significa "passar as férias na praia" — a adoração do Deus vivo!

O encolhimento da alma de Darwin

Depois de beber por muito tempo nas cisternas rachadas dos prazeres humanos, muitos perderam quase toda a capacidade de se alegrar em Deus — muito parecido com o que aconteceu com Charles Darwin. Perto do fim da vida, ele escreveu uma autobiografia para seus filhos, e expressou uma queixa: Até a idade de trinta anos ou um pouco mais, a poesia em suas muitas formas [...] deu-me grande prazer, e já como menino na escola eu gostava muito de Shakespeare. [...] Antes eu me deliciava consideravelmente em quadros, e muito em música. Agora, já há muitos anos, não consigo ler uma linha de poesia sequer: tentei ler Shakespeare, e ele pareceu-me tão bobo que me deu nojo. Igualmente, perdi todo gosto por quadros ou música. [...] Conservei algum gosto pelas paisagens, mas já não me dão prazer especial como antigamente. [...] Minha mente parece ter-se tornado uma máquina que extrai leis gerais de grandes compilações de fatos, mas não consigo imaginar por que isso causou a atrofia apenas daquela parte do cérebro da qual os gostos mais elevados dependem. [...] A perda desses gostos é a perda de felicidade, e pode prejudicar o intelecto, talvez até o caráter moral, enfraquecendo a parte emocional da nossa natureza. Ec 1

Os cultos de adoração por todo o país apresentam as cicatrizes desse processo. Para muitos, o cristianismo tornou-se a extração de leis doutrinárias gerais de coletâneas de fatos bíblicos. Todavia, o espanto e admiração infantis morreram. A paisagem, poesia e música da majestade de Deus secaram como um pêssego esquecido no fundo da geladeira.

E a ironia é que auxiliamos e aumentamos o processo de encolhimento ao dizer às pessoas que não devem buscar seu próprio prazer, especialmente na adoração. Damos a entender de mil maneiras que a virtude de uma ação diminui na proporção em que você gosta de fazê-la, e que fazer algo porque o deixar feliz é mau. Essa noção paira como um gás na atmosfera cristã.

Um assunto da mente

Deus procura pessoas que o adorem "em espírito e em verdade" (Jo 4.23). Dei muita ênfase no "espírito" de adoração até aqui. Agora preciso equilibrar a questão e reafirmar que a verdadeira adoração sempre une coração e mente, emoções e pensamentos, afeto e reflexão.

A verdadeira adoração não vem de pessoas cujos sentimentos são como plantas sem raízes no solo firme da doutrina bíblica. Os únicos afetos que honram a Deus são os que estão enraizados na rocha da verdade bíblica. (Rm 10.2; Jo 17.17; Jo 8.32)

Liberdade santa na adoração é fruto da verdade. Sentimentos religiosos que não vêm da compreensão verdadeira de Deus não são nem santos nem realmente livres, não importa quão intensos sejam. Por essa razão o testemunho pastoral de Jonathan Edwards sempre me pareceu indiscutivelmente bíblico. Ele foi o principal defensor do Grande Avivamento na Nova Inglaterra (nordeste dos Estados Unidos) no começo da década de 1740. O movimento passara a sofrer severas críticas por causa de aparentes excessos emocionais.

Charles Chauncy, pastor da antiga Primeira Igreja de Boston, opôs-se ao avivamento com todo o empenho. Ele denunciou todos os seus excessos como "sair voando para cair no chão mais à frente; [...] gemidos e gritos agudos; lutas e tropeços, agitação e tremores convulsivos".

Edwards não defendeu os excessos, mas defendeu seriamente o empenho profundo e genuíno dos afetos baseados na verdade. Argumentou com essas palavras cuidadosamente escolhidas:

Devo pensar em mim mesmo em termos do meu dever, que é de elevar os sentimentos dos meus ouvintes o mais que eu puder, desde que estejam tomados apenas pela verdade, e com sentimentos que não divirjam da natureza do que os afetou.

Edwards estava completamente convicto da importância crucial de sentimentos ou afetos poderosos na adoração, porque as coisas da religião são tão grandes que não pode haver atitude, nos exercícios do nosso coração, adequada à sua natureza e importância, se não forem vivos e poderosos. Em nada o vigor das ações das nossas inclinações é tão requisitado como na religião; e em nada a mornidão é tão odiosa.

Todavia, o único calor que ele admitia na adoração era o calor que vem com a luz. Em 1744 ele pregou um sermão de ordenação a partir do texto sobre João Batista: "Ele era a lâmpada que ardia e alumia" (Jo 5.35). Deve haver calor no coração e luz na mente — e não mais calor do que o justificado pela luz! Se um ministro tem luz sem calor, e entretém seus [ouvintes] com discursos eruditos, sem o sabor do poder da espiritualidade, ou sem nenhuma manifestação de fervor de espírito, de zelo por Deus e pelo bem das almas, ele pode satisfazer ouvidos que coçam e encher a cabeça do seu povo com conhecimentos vazios; mas não é muito provável que atinja a alma deles. Se, por outro lado, ele é impulsionado por um zelo feroz e descontrolado, um calor impetuoso, sem luz, é provável que acenda a mesma chama profana em seu povo, incendiando suas paixões e sentimentos corruptos; mas não os tornará melhores, nem os conduzirá um passo sequer para mais perto do céu, mas em passos largos na outra direção.

Sentimentos fortes por Deus, arraigados e moldados pela verdade das Escrituras — esse é o cerne da adoração bíblica.

Por isso, o prazer cristão se opõe apaixonadamente a todas as tentativas de introduzir uma divisão entre o pensamento profundo e o sentimento profundo. Ele rejeita a noção comum de que a reflexão profunda seca o sentimento fervoroso. Ele resiste à ideia de que emoções intensas florescem somente na ausência de doutrina coerente. Pelo contrário, o prazer cristão está convencido como Edwards de que os únicos sentimentos que engrandecem o valor de Deus são os que vêm da compreensão genuína da sua glória. Se o banquete da adoração está rareando, é porque o povo está passando fome da Palavra de Deus (Am 8.11, 12).

A forma da adoração

Conclui-se que as formas de adoração deveriam proporcionar duas coisas: canais para a mente apreender a verdade da realidade de Deus e canais para o coração responder à beleza dessa verdade, isso é, formas de acender os sentimentos com verdade bíblica e formas de expressar os sentimentos com paixão bíblica.

Naturalmente, formas boas fazem as duas coisas. Bons sermões, hinos e orações expressam e inspiram a adoração. E o fazem melhor quando buscam deliberadamente o prazer e, por isso, são centradas em Deus.

Mais alegria me puseste no coração do que a alegria deles, quando lhes há fartura de cereal e de vinho (SL 4.7).

Regozijem-se todos os que confiam em ti; folguem de júbilo para sempre, porque tu os defendes; e em ti se gloriem os que amam o teu nome (SL 5.11).

Alegrar-me-ei e exultarei em ti; ao teu nome, ó Altíssimo, eu cantarei louvores (SL 9.2).

Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança (Sl 17.15).

Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei (SL 40.8).

Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro em mim um espírito inabalável. [...]

Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário (SL 51.10, 12).

Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente, a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória. Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam (SL 63.1-3).

Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre (SL 73.25, 26).

Quando o povo de Deus — especialmente os que lideram o louvor— começar a orar dessa maneira, buscando o prazer, centrado em Deus, então a forma tanto expressará como inspirará a adoração genuína.

No fim das contas, porém, a forma não é a questão. A questão é se a grandeza de Cristo pode ser vista. A adoração acontecerá quando o Deus que disse "Das trevas resplandecerá a luz" brilhar em nosso coração para nos dar "a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo" (2 Co4.6). Temos de ver e sentir a grandeza incomparável do Filho de Deus. Incomparável porque nele se encontram glória infinita e humildade sem limite, majestade infinita e mansidão transcendente, reverência mais profunda diante de Deus e igualdade com Deus, dignidade infinita do bem e sublime paciência para sofrer o mal, domínio supremo e obediência extrema, autossuficiência divina e confiança infantil. A ironia da nossa condição humana é que Deus nos pôs ao alcance da vista dos Himalaias da sua glória em Jesus Cristo, mas nós preferimos baixar as venezianas do nosso chalé e mostrar transparências do pico do Jaraguá — mesmo na igreja. Contentamo-nos em continuar fazendo bolinhos de areia na favela porque não conseguimos imaginar o que significa a oferta de férias na praia.

Uma exortação e uma experiência

Termino este capítulo com uma exortação e uma experiência. Não deixe sua adoração reduzir-se ao mero cumprimento de um dever.

Não deixe a admiração e maravilha infantil ser abafada por conceitos não bíblicos de virtude. Não deixe a paisagem, a poesia e a música do seu relacionamento com Deus encolher e morrer. Você tem capacidade de alegrar-se a tal ponto que nem imagina. Ela foi-lhe dada para proporcionar-lhe prazer em Deus. Ele pode despertá-la, não importaria quanto tempo tenha estado dormente. Ore pelo seu poder vivificador. Abra seus olhos para sua glória. Ela está em toda a sua volta. "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos."

Minha experiência na casa de janelas grandes...

Fiquei ali sentado, balançando a cabeça quase em descrença. "Ó Senhor, se isso são apenas as faíscas da sua espada sendo afiada, como será o dia da sua vinda!" E lembrei-me da palavra de Cristo. (Lc 17.24).

Ainda hoje, lembrando aquela visão, a palavra glória está cheia de sentimento para mim. Agradeço a Deus porque a cada dia ele tem despertado meu coração para desejá-lo, vê-lo e tomar assento no banquete do prazer cristão e adorar o Rei da Glória. O salão de festas é muito grande: (Ap 22.17).